

Uma reflexão sobre os processos urbanos no século XXI

Marcella d'Agosto

CONCEITO A

Marcela -  
Excelente trabalho, louvável esforço de leitura,  
trabalho bem conduzido, bem articulado e  
principalmente enérgico, como recorte do objeto  
e desenrolamento do trabalho.

Robt Achmann

Clonagem Urbana: uma reflexão sobre os processos urbanos no século XXI.

Marcella Campos d'Agosto

Clonagem Urbana: uma reflexão sobre os processos urbanos no século XXI.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização de Planejamento e Uso do Solo Urbano da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Especialista em Planejamento Urbano e Regional.

Orientador: Prof. Dr. Robert Moses Pechman  
Doutor em História Social/  
UNICAMP

Rio de Janeiro  
2005

Deixar de agradecer a realização de um trabalho acadêmico aos meus pais é algo profundamente incompreensível. Foram eles que me trouxeram até aqui, me indicaram os caminhos e ensinaram como percorrê-los da melhor maneira. Portanto, em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, em especial à minha mãe. Passo em seguida ao orientador, que acreditou esta ser uma idéia que poderia trazer bons frutos, e aos meus amigos, alguns quase verdadeiros irmãos, que permaneceram ao meu lado no processo de adaptação dentro do Rio de Janeiro.

**"(...) Nossas cidades reais contemporâneas não são apenas ensaios e vestígios materiais de outras cidades projetadas, mas também os sonhos e as utopias daquilo que um dia se desejou a cidade se tornasse".**

**(PESAVENTO In: RIBEIRO; PECHMAN, (org.), 1996, p.378).**

## RESUMO

O trabalho aborda, a partir de uma análise histórica, os diferentes modos de pensar e olhar a cidade, desde a Grécia antiga até a cidade do século XXI. Esta retrospectiva vem como forma de mostrar o desenvolvimento da verdadeira essência cidadina e como ela veio se modificando, e em função de quais aspectos, para atingir as proporções atuais, resultando nos espaços urbanos e na ordem que hoje está instaurada. Este é o principal ponto do trabalho, mostrar como é a cidade contemporânea e seus aspectos subjetivos que determinam a estruturação dos seus ambientes urbanos. Através da exposição de alguns projetos urbanos se evidencia a hipótese de que, de acordo com alguns autores, estaríamos próximos à constatação que vivemos em verdadeiras "não-cidades" ou, o que aqui se chama de clonagem urbana.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>07</b>
<b>Capítulo 1:</b>	<b>12</b>
<b>Da polis grega à Revolução Industrial</b>	
1.1 A Era Industrial: idéias, projetos e utopia.	13
<b>Capítulo 2:</b>	<b>19</b>
<b>A cidade do movimento moderno</b>	
2.1 A cidade racional de Le Corbusier.	19
<b>Capítulo 3:</b>	<b>24</b>
<b>A cidade contemporânea</b>	
3.1 <i>Alphaville</i> : a cidade brasileira a beira da auto-estrada.	27
3.2 O mundo mágico de <i>Celebration</i> .	30
3.3 Outros projetos contemporâneos: mercantilização e desvinculação do espaço urbano.	33
<b>Conclusão:</b>	<b>41</b>
<b>Referências:</b>	<b>44</b>

## 1. Introdução:

Por volta dos últimos 20 anos pode ser notada uma brusca mudança na realidade das cidades. Tanto a forma de produção quanto os relacionamentos mudaram, o que vem ocasionando num profundo individualismo entre os homens, refletindo na estruturação do seu próprio espaço, ou seja, no seu lar e na sua cidade. A globalização, associada ao capitalismo, trouxe a visão econômica da cidade e, com isso, a banalização do espaço urbano, da cultura e da política, impondo a estética e o capital como fundamentais na vida e o bom funcionamento da cidade.

Assim, acordar com a televisão no horário programado, escutando *good afternoon* da jornalista da CNN em pleno Brasil para, em seguida, abrir latas de refrigerantes igualmente importadas, junto com as inúmeras vitaminas substitutas dos alimentos reais, é simplesmente natural. Não o bastante, tomar um banho aquecido com energia solar antes de ir para o trabalho, sozinho, guiando seu próprio carro, claro que com os vidros dotados de *insul film* e fechados devido à presença do ar condicionado, realmente não é nenhuma raridade nos dias atuais. Em *South Beach*, Miami, ou Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, pode-se ter e fazer os mesmos rituais sem ser incomodado por estranhos, no máximo trocar algumas palavras via internet ou celular com um amigo ou outro qualquer parecido. Cada um agora parece ter seu espaço definido dentro das cidades, sem misturas e sem interrupções.

Ainda, devido a crescente multiplicação dos simulacros, é possível de se confundir a própria localização. Dentro dos *shoppings centers*, por exemplo, até as placas de sinalização possuem mais de uma língua. As lojas quase sempre são as mesmas, com os mesmos nomes, mesmos cardápios, mesma decoração e roupa dos atendentes. Talvez, tudo isso seja para facilitar o grande empresário que agora vive viajando e precisa se adaptar rápido aos locais aonde chega. Talvez, seja uma forma de impor status e desenvolvimento. Talvez, seja apenas uma cópia daquilo que se ache belo ou, talvez, <sup>NA</sup> apenas a tentativa de reproduzir aquilo que ora funcionava



em outro lugar de maneira satisfatória, mas que agora, se tornou “infrequentável” diante o “perigo” das ruas. Enfim, esta parece ser a realidade da cidade contemporânea. Afinal, como pensar esta nova cidade?

A partir da abordagem da supermodernidade, apontada por Marc Augé (1994), onde também é discutido o perfil desse homem supermoderno, já se pode traçar uma diretriz desse caminho. Esta supermodernidade é caracterizada pela superabundância espacial, pela superabundância factual e pela individualização das referências (AUGÉ, 1994), “construtora” dos não-lugares, também designado pelo autor, como os novos locais não relacionais e não identitários que irão remeter e enfatizar o individualismo, a vivências de solidão, o narcisismo.

Tudo isso continua reverberando nessa cidade do século XXI e, aos poucos, vai ganhando novas conotações simbólicas e valores, característicos dos não-lugares, sendo superada, ou melhor, intensificada a questão da supermodernidade desenvolvida por Augé, devido o crescente domínio do capital perante a sociedade. É o urbanismo sem planejamento, cujos objetivos são mais econômicos do que urbanísticos (MARICATO, 1997), cujas características são mais estéticas e menos dotadas de urbanidade. Onde “fabricam o homem médio (...) e eventualmente o individualizam” (AUGÉ, 1994, p.92).

Ainda sobre a supermodernidade, ela também aparece vinculada com a falta de vanguardismo e com a tendência ao não idealismo até então presentes no movimento moderno (ARANTES, 2001). Ou seja, não há estímulos pela busca de um novo movimento urbano. O que deparamos é com todo esse exagero se transformando em moda, banalizando o espaço urbano, dissociando-o da história e transformando-o em fragmentário, imagético, convertido em cenário.

O paradigma atual, então, está vinculado, mais do que nunca, em “ser” a cidade perfeita, construindo uma imagem e uma marca perfeita, ao passo de que o ideal seria a construção de uma urbanidade satisfatória, uma cidade de direito a seus habitantes. A imagem é o que se vende. Imagem onde a história da cidade não passa de estética da memória, uma sucessão de quadros representativos da vida quotidiana podendo ser reproduzidos e vendidos

pelo mundo como o modo de vida ideal da contemporaneidade e padrão de desenvolvimento. Seria essa a crise da noção de cidade, onde percebemos espaços marcados pelo congelamento - as cidades-museus - ou pela difusão generalizada - as cidades genéricas (JACQUES, 2004).

Ao dizer então, que esses não-lugares, desenvolvidos por Marc Augé, estão se intensificando, significa que, além de estarem se proliferando como epidemias, eles não podem ser apenas classificados como os aeroportos, as auto-estradas ou os locais dos caixas eletrônicos como identificou o autor. Observando bem suas características - não relacional, não identitário, desvinculado da história (aqui também levando em consideração o aspecto físico) - podemos encaixar no termo os novos bairros, os enclaves fortificados, os *shoppings centers*, os projetos de revitalização urbana e algumas outras inovações urbanísticas dos dias atuais. O caso *Celebration*, na Florida, dos *Alphavilles*, no Brasil e do projeto “Uma cidade e nove povos”, na China, são exemplos bem consideráveis e satisfatórios. Projetos como estes visam o presente, a satisfação momentânea, a pseudofelicidade e a pseudo-segurança, a efemeridade. Representam o homem do século XXI e a causa do tão crescente individualismo que, associados às altas tecnologias fazem o homem se imaginar como completamente independente, dispensando a necessidade do convívio com o outro. Projetos caracterizados dentro desta ótica são apenas estéticos, nunca rompem e apenas visam suprir necessidades consumistas e individualistas, resolvendo momentaneamente os anseios e desejos humanos, mas que posteriormente trazem frustrações e agravamento dos problemas.

Para quem não pode entrar nesse mundo, quem não pode pagar por ele, a situação se torna mais preocupante. Essas novas cidades são promovidas para o turista e para as classes de renda mais favorecida economicamente, não para a população local como um todo. No caso dos países periféricos, em maiores proporções, uma grande parcela da população se torna excluída da cidade. Para eles há a falta de infra-estrutura urbana (transportes em massa, água, esgoto) já que a prioridade está voltada para atingir o mercado externo. O importante em destacar neste momento é que “(...) cada vez mais essas cidades precisam seguir um modelo internacional

extremamente homogenizador, imposto pelos financiadores multinacionais dos grandes projetos (...)” (JACQUES, 2004, p.24). Esses agentes são quem patrocinam os projetos urbanos diante da crise do Estado alcançada, fazendo, principalmente, com que as grandes cidades se pareçam cada vez mais, como se fossem todas derivadas de uma só forma, de uma só código. Tal fato vem despertando a atenção de cidade menores que tentam também garantir um espaço para sobreviver nesse mundo generalizado, competitivo e do pensamento único. Estaríamos, então, criando não-cidades?

A cidade do século XXI parece está sendo resumida pela estética e pela ponta extrema do capitalismo e do individualismo. Devemos tentar fazer reviver o espírito da cidade, a cidadania, antes que os ideais se dispersem por completo e apenas continuemos essa clonagem em série, atendendo a funções *marketeiras* e sem verdadeiros pressupostos para a humanidade.

Dois caminhos são escolhidos para desenvolver o tema em questão. O primeiro vem na forma teórica mostrando, brevemente, a evolução e origem do processo até atingir tais proporções, para depois serem apresentados exemplos reais existentes atualmente que possam esclarecer e exemplificar as características apontadas na primeira parte. Desta forma, acredita-se que as motivações e propostas ao longo da história possam ser melhores fundamentadas e explicando as propostas que se seguiram.

No trabalho, será realizada uma tentativa de interpretação das idéias e da história do urbanismo, iniciando a partir da Revolução Industrial, com o surgimento da sociedade maquinista e urbana, que mesmo sob as mãos de especialistas em planejamento urbano, mostrou-se fracassada na elaboração e construção de tais cidades (CHOAY, 2003). Essa questão continua percorrendo seu caminho, basta observar como, até hoje, no entanto, as criações do urbanismo são contestadas e questionadas assim que aparecem. A insatisfação é evidente. Finalizando essa introdução, contudo, deve ser evidenciado que, assim como em *O urbanismo* de Choay (2003), este trabalho procura o significado real dos fatos, colocando em evidência as

razões dos erros cometidos, suas raízes, incertezas e dúvidas levantadas hoje por qualquer nova proposta de planejamento urbano.

## 1. Da polis grega à revolução Industrial.

Ao longo da história podemos observar vários olhares distintos sobre qual era o ideal de cidade, de como ela deveria ser para atingir a perfeição. Porém, de acordo com a visão do homem de cada época e em função, principalmente, do modo de produção dominante, esses ideais foram mudando. Traçar os principais caminhos desse pensamento torna-se fundamental para distinguir o espaço urbano de cada época e identificar com clareza o que escolhemos para trabalhar.

Seria relevante começar citando as cidades gregas, criadas a partir da idéia de um espaço onde fosse possível o conflito, a troca. De acordo com Oliver Mongin (2003), a Ágora e o Teatro gregos não foram concebidos como locais de consenso, lugar tribal ou familiar. O consenso deveria ser algo físico e onde pudesse haver discórdia e diferenças. O conflito, para os gregos, era considerado algo extremamente importante, <sup>a partir</sup> pois dele a democracia se estabelecia. A cidade como política, capaz de possibilitar encontros, trocas e conflitos era o ideal dos gregos. A palavra conflito deve ser aqui destacada, pois passou a ser abordada sobre diferentes óticas marcando cada período e construindo, com isso, a idéia das cidades nos períodos posteriores e, invertendo a posição grega, considerada neste ponto de vista como a essência cidadina.

Partindo agora para outro autor, Carl Schorske (1989), destacaria, a partir de sua análise, <sup>as</sup> ~~outros três tipos de olhares sobre a cidade, existentes após a criação da cidade grega, e posterior~~ <sup>VISÕES DA CIDADE, CONSTRUÍDAS PELO IMAGINÁRIO</sup> ~~durante os dois últimos séculos:~~ <sup>MENTE A IMAGEM DA CIDADE PESTÍFERA DA ILUMINISMO. TRATA-SE DA CIDADE DO SEC. XVIII TIDA COMO:</sup> a “cidade como virtude”, a “cidade como vício” e a “cidade <sup>para</sup> além do bem e do mal”, ~~toda no período da revolução Industrial.~~

A “cidade como virtude” seria da Era Iluminista onde o que se buscava era a perfeição do homem, ele estava ao centro de tudo. A busca por conhecimento era fundamental e a cidade era encarada como local para o progresso social que trazia para alguns, tanto a civilização da nobreza a partir da cidade, quanto à civilização da cidade com a ação dos nobres e suas atitudes de *pólitisse*. Com a troca estabelecida entre os diferentes grupos sociais, o espaço

urbano era enriquecido, ao passo que igualava “(...) nobres e burgueses, elevando estes e rebaixando aqueles, para produzir uma nação ordenada, próspera e livre” (SCHORSKE, 1989, p.48). A cidade era vista como algo estimulante que agia como um agente formador da cultura por excelência.

O olhar da “cidade como vício” nada mais era que o início do pensamento onde o capital domina acima de tudo. É aquela onde os interesses e “(...) efeitos na vida econômica através das leis naturais tornava-se descoberta das ciências ocultas, igualmente a prometedora identidade entre os interesses de pobres e ricos, cidade e campo transformava-se na guerra entre as duas nações, (...), os despreocupados ricos e os pobres encortiçados” (SCHORSKE, 1989, p.51). Tudo ocorrendo em função da crescente taxa de urbanização e da transformação negativa da paisagem social que se chocou com as boas expectativas vindas do Iluminismo sobre o desenvolvimento da riqueza e da civilização através da cidade.

Já a ~~imagem da~~ “cidade além do bem e do mal” defendia a idéia de que experimentar o moderno era preciso, ao invés de fazer julgamentos sobre o que era bom ou mal dentro da cidade. Considerada como um agente civilizador, também podia ser encarada como responsável pela mecanização da vida e do homem buscando a verdadeira ordem.

Ainda que estes diferentes olhares sobre a cidade tenham continuado seu percurso nos últimos séculos, poderíamos acrescentar nesta subdivisão um ~~quarto~~, denominado de “cidade como clones”, que aparece no final do século XX e início do século XXI. Nesta, concentramos nossa atenção, pretendendo discutir o que ela é e qual o seu ideal de imagem perfeita.

### 1.1. A Era Industrial: idéias, projetos e utopia.

Começaremos ~~o~~ nossa análise mais detalhada a partir do momento da Revolução Industrial sobre o olhar da “cidade como vício”, pois, de acordo com Maria Stella Bresciani

(1994), foi neste momento que a sociedade começa a se tornar predominantemente urbana, com a população migrando do campo para a cidade em busca de empregos nas novas fábricas. Ainda concordando com a autora, este pode ser considerado um ponto estratégico, visto que fornece suporte para entender as cidades em que vivemos hoje e por construir o ponto fundamental da grande rede de questões denominada pelos contemporâneos de *questão urbana* (1991). Assim, tivemos o início não só do modo de vida capitalista como também das multidões. Multidões essas, desde já, associadas ao temor, à revolta, à pobreza e à miséria, provocando sensações diversas nessa sociedade em formação. Inicia-se o medo pelo outro, pelo estranho e pelo incerto, acarretando na crise da urbanidade, esta, base da atual sociedade e do seu modelo dual. Desde já apareciam de um lado a multidão de trabalhadores, pobres e alguns miseráveis, e de outro a burguesia querendo se distanciar da outra classe construindo o seu espaço longe da camada empobrecida, violenta e doente.

Justamente neste ponto podemos começar a análise que pretendemos, mostrando que exatamente aqui surgiram idéias de qual seria a cidade perfeita para este novo cenário. Então, a arquitetura e o urbanismo apareceram como importantes instrumentos disciplinadores e reguladores dos espaços. O novo modo de produção, agora caracterizado pela reprodução das forças de trabalho e também pela acumulação de capital, provocou a tentativa de uma série de mudanças e intervenções no espaço urbano a fim de melhor aproveitar sua lógica, havendo a necessidade, por isso, da criação de novos poderes políticos e militares para que as instituições fossem melhores representadas e a ordem desejada fosse garantida.

O discurso inicial, denominado higienista, se baseava em comparar a cidade com o corpo humano, dizendo que esta precisava ser tratada e curada do estado em que se encontrava. Ainda como agravante, diziam, a culpa ser da herança vinda das cidades <sup>antigas</sup> medievais do início de século XVIII, caracterizadas como “congestionadas, apodrecias, estagnadas (...)” (GILLE. In: ALLIEZ, 1988, p.21), fato que se agravou com o crescimento populacional e o grande número de operários que viviam em condições precárias no seu interior. Ao contrário, a boa cidade

deveria ser dotada de movimentos rápidos e constantes, garantindo saúde ao ambiente urbano e à população. Vê-se, que a ordem aqui, era imposta tanto para controlar a forma física das cidades quanto a moral de seus habitantes. A técnica foi vista como saída para a modificação do meio, transformando-o em ideal e, assim, influenciando na formação de homens moralizados e bons cidadãos. “(...) Entre os objetivos de melhorar as condições de vida urbana esteve sempre o de civilizar seres semi-bárbaros” (BRESCIANI, 1991, p.11).

Surgiram com esta finalidade os primeiros planos de regularização, e a camada empobrecida da cidade (camada operária), que vivia sufocada e reprimida dentro de cortiços empilhados, foi levada para periferia como medida de saneamento, trazendo “(...) condições de isolamento e aeração que garantisse, ao mesmo tempo, a própria segurança e a segurança da cidade” (GILLE In: ALLIEZ, 1988, p.23). Apareceram neste momento as *workhouses*, os falanstérios e outros bairros operários, bem como projetos de cidades ideais, que, ainda não o bastante em direcionar o local de vida de seus habitantes, passaram também a interferir no modo de viver das famílias dentro de seus próprios cômodos. “Isso seria a morte da cidade por desagregação (...)” (GILLE In: ALLIEZ, 1988, p.24). Neste momento já nos deparamos com a tentativa de direcionar, construir e induzir o espaço urbano, ordenar e segregar seus ambientes de maneira a garantir um bom local para a elite, incomodada diante a situação, apesar de nem sempre os discursos indicarem este enfoque. A ordem passa a ser perseguida sendo considerada um antídoto, e o conceito ideal de ordem era o de ter cada canto vigiado e controlado. Era preciso saber tudo, de acordo com Carlos Nelson dos Santos (1988), em seu livro “A cidade como um jogo de cartas”.

O Panóptico, ou Torre Panóptica é o grande exemplo deste ideal. Surgido durante o final do século XVIII, trata-se de um lugar onde tudo pode ser visto e vigiado e, ao mesmo tempo, não se pode saber se alguém realmente está observando os acontecimentos. Na dúvida a ordem pré-estabelecida como correta é mantida. Este esquema foi utilizado amplamente nos falanstérios e nas *workhouses* para disciplinar os operários, o que de certa forma, provocou



revolta em alguns casos devido à falta da própria liberdade até dentro da própria residência. A torre então, podia ser definida como produtora de disciplina, o edifício-máquina como definiu o seu idealizador, Jeremy Bentham (SANTOS, 1988).

Concebida como ideal para prisões, a torre, admite funcionar também em projetos de escolas, hospícios, locais de trabalho, entre outros. Ainda sim, a idéia superou os séculos e acabou por estender-se ao conjunto do espaço urbano no final do século XX, quando surgiram os modelos de cidade culturalistas ou progressistas definidas por Choay (2003), ou até mesmo nas fábricas do modelo taylorista, adepto da vigilância contínua para garantia de alta produção (SANTOS, 1988), ou, ainda, nos grandes condomínios fechados dos séculos XX e XXI diante à fobia que se instaurou pelo outro e pelo próprio espaço urbano. Assim, os discursos foram se seguindo e, apesar do modelo anterior sempre ser criticado por seu sucessor, as idéias acabavam se repetindo, com algumas adaptações, claro, porém seguindo a mesma lógica defensora da ordem, disciplina e racionalidade. Fica evidente que, “(...) na história do pensamento urbano, o novo fortifica o antigo mais freqüentemente que o destrói” (SCHORSKE, 1989, p.47).

Outro ponto relevante a se levantar como forma de validar tais discursos e impor idéias durante o final do século XVIII e XIX é o fato da herança medieval, já mencionada aqui. Culpar a cidade medieval parecia mais fácil. Ora, de acordo com Didier Gille (1988), se fizermos uma análise das atividades exercidas naquela época, veremos que a sua circulação lenta e a localização precisa de cada função nada mais eram que idéias para aquela forma de produção. Dizer que ela era a negação da cidade por esses fatores, nada mais é que um grande equívoco. A sociedade estava sim em transformação, se adaptando a um novo modo de produção e ainda transitando em aderir por completo a vida urbana longe da calma do campo para um local onde a diversidade reinava e o anonimato prevalecia, indo, com isso, inversamente aos costumes. Uma contradição vigorosa que trouxe idéias tão contraditórias quanto ao passo de pensarem que fugir desta condição caótica, desordenada e diversa fosse o ideal.

Colocar os operários nas vilas operárias vigiados sobre o panóptico não foram os únicos projetos surgidos ao longo destes séculos na tentativa de (re)fazer uma cidade perfeita. A cidade-jardim, concebida por Ebenezer Howard pela primeira vez em 1898, é outro excelente exemplo. O projeto buscava a construção de “(...) cidadezinhas auto-suficientes, cidades realmente muito agradáveis se os moradores fossem dóceis, não tivessem projetos de vida próprios e não incomodassem em levar a vida em meio a pessoas sem projetos de vida próprios” (JACOBS, 2001, p.17). Eram dotadas de um zoneamento urbano rigoroso que distinguia os locais das fábricas e de morar separando-os com amplos locais verdes que garantissem a saúde do ambiente e de seus habitantes. Estabelecia-se com isso, uma nova vida social longe dos conflitos das cidades e dos problemas julgados maléficis, ignorando a grande questão e a nova forma social que estava se estabelecendo com o crescimento das cidades. Não tentaram entender o que se passava, apenas queriam voltar para a vida calma e organizada que se idealizava.

Projetada para uma população máxima de 30 mil habitantes (outra cidade deveria surgir ao lado da antiga quando o limite era atingido), o projeto parecia mais uma idéia para destruição das cidades ao conceber o planejamento como uma série de ações estáticas e descartar a vida cultural das metrópoles. Mesmo assim, todo ele serviu como base e sofreu adaptações para o planejamento urbano moderno que o sucedeu.

Estava-se diante do novo e reeducar toda a população (tanto os ricos quanto os pobres) fazendo-os adaptarem àquelas realidades, às perdas e aos ganhos da nova forma de vida, era a questão. Contudo, o higienismo não apenas não se mostrou pertinente no discurso ao explicar a realidade urbana que o precedeu, como também se mostrou autoritário e incapaz de entender que a questão surgira com o desenvolvimento de novas técnicas, esta mudando a sociedade e a forma de comunicação entre ela e seus espaços, A utopia então, estava lançada: a cidade ideal a partir da cidade doente, ou seja, o discurso passa a ser “(...) enquadrado pela crítica corretiva, (...), que engendra a imagem positiva, oposta termo a termo à do objeto posto em causa” (CHOAY, 1985, p.280).

Cidades utópicas. Sim, elas foram, e continuam sendo, uma realidade preocupante. Não só por acreditarem na imagem perfeita das cidades, mas por terem mostrado, quando podiam ser colocadas em práticas, que eram um verdadeiro equívoco, principalmente por não resolverem o problema pressuposto. Deveríamos ter tido atenção neste ponto desde o início. Cidade perfeita para quem? Baseado em quê e nas idéias de quem? Realmente, o discurso pode ser mudado em função desses simples questionamentos. Era o início da criação de um espaço urbano que existia apenas no imaginário dos planejadores. A criação de cidades que eram falsas no seu sentido mais amplo por ignorarem a vida cultural urbana. Eram clones de uma cidade imaginada perfeita, por isso não funcionaram e nem se enxergava um caminho alternativo, simplesmente pelo fato de já existir um protótipo em que deveria ser baseada.

## 2. A cidade do movimento moderno

O mal que os homens fazem vive depois deles; o bem é, com frequência, enterrado com seus ossos.

( SHAKESPEARE, In: HALL, 1995, p.241)

### 2.1. A cidade racional de Le Corbusier.

O movimento moderno, seguido do período posterior da Revolução Industrial, continuou empregando as mesmas direções tomadas por seus antepassados. Contudo, o discurso de muitos dos seus discípulos, dizia o contrário. Culpava-se a cidade moderna industrial pelos problemas e, mais uma vez, caíamos no mesmo lugar.

Assim, passo para Le Corbusier, talvez o arquiteto-urbanista mais importante do período se verificarmos as idéias que ele empregou e a repercussão que tiveram nos anos posteriores. Também utópico, Corbusier, idealizou em 1920 o que chamou de *Ville Radieuse*<sup>1</sup>. Esta sim seria a salvação do espaço urbana e adequada ao novo modo de vida da população e à vida urbana, ao consumo e dotada de política que, pela visão de Caldera (2000), eram os princípios ideais da sociedade moderna. Analisando o discurso do urbanista em questão, verificamos que ele atacava o modelo precedente criticando-o profundamente por negar a real situação que estávamos vivendo e causando o que ele considerava a cidade doente. A sociedade industrial deveria ser assumida e traduzida também na forma de viver e relacionar dos habitantes. A cidade, assim como a casa, era definida pelo arquiteto como a máquina de morar. Jane Jacobs (2001), de qualquer forma, mostrou que isso era apenas caracterizado no discurso ao chamar a cidade deste arquiteto de cidade-jardim-vertical, evidenciando inúmeras semelhanças entre ela e a cidade-jardim de Howard, além da virtuosa presença do discurso higienista e médico.

---

<sup>1</sup> Será utilizado, a partir deste ponto, o nome equivalente em português: Cidade Radiosa.

A racionalidade expressava o urbanismo moderno, ela traria mais higiene e salubridade para a vida das cidades, pois organizava o espaço de modo a evitar os conflitos observados nas antigas cidades. Conflitos neste momento também era caracterizado como algo maléfico capaz de destruir a cidade, porém, ao pensar o conflito neste sentido, verá que o que se iniciou verdadeiramente foi justamente a destruição da cidade como local da política e da democracia. Assim como a cidade-jardim, a Vila Radiosa era organizada por funções, um zoneamento rígido que separava o local de trabalhar, residir, circular e o de lazer. As superquadras, com seus altos edifícios separados por largas vias arteriais, representavam a evolução da engenharia. Agora, a rua, era local para os carros circularem, pessoas só nos parques junto ao verde. Calçadas não mais possuíam a função de permitir o encontro ou a circulação de pedestres. A partir da citação a seguir, retirada de Choay (1980, p.298), pode-se ter real noção de como era a imagem da Cidade Radiosa:

Na cidade, o pedestre jamais encontra um veículo (...), o solo inteiro pertence ao pedestre. (...) O esporte, múltiplo, está ao pé das casas, no meio dos parques. (...) A cidade é inteiramente verde. (...) Nenhum quarto de habitantes é sem sol, os caminhões pesados rodam nas auto-estradas. A cidade Radiosa é de súbito mais real que Paris de quem é a imagem invertida.

Fica claro com a passagem que, mais uma vez, assim como no período precedente, tentava-se controlar a rua e a cidade. Com essa divisão e controle rígidos dos espaços dizia que a ordem seria, enfim, estabelecida. Que ordem seria essa? A ordem lógica da máquina, onde os movimentos constantes deveriam acontecer sem interrupções seguindo as mesmas direções e, onde o passado e o futuro fossem banidos, apenas o presente importava. Não havia mais os discursos entre culturalistas e progressistas, segundo a divisão de Choay (2003), ou entre arcaístas e futuristas, pela visão de Schorske (1989). Acreditava-se, mais uma vez, que controlando o espaço urbano poderia ser controlada, conseqüentemente, a própria sociedade e estabelecê-la da forma ideal. É necessário ressaltar neste momento que tais características, como segregação e fragmentação, foram produzidas involuntariamente. Ao contrário do ponto

atingindo, o discurso modernismo tentava aplicar igualdade para todos os indivíduos e para o espaço urbano onde todos poderiam usufruí-lo.

Ainda evidenciando as características da cidade moderna, há um outro ponto de extrema importância para a análise que se segue. Trata-se da falta de relação e contato entre as pessoas, acarretados pelo intenso zoneamento e divisão das atividades em espaços específicos, contribuindo para o banimento do conflito entre habitantes. Por mais que aquela multidão intensificada nas cidades no pós Revolução Industrial apavorasse e trouxesse constrangimento, esse zoneamento rígido provocava o isolamento entre os habitantes e, conseqüentemente, a troca de cultura, diálogo e pensamentos, tão importantes para a evolução humana e para a urbanidade, ficavam comprometida. Ele não trouxe nem tão pouco a resolução dos nossos problemas como veio intensificar o individualismo e expressar, assim como a antiga cidade-jardim, o autoritarismo dos planejadores urbanos. A idéia de “matar a rua”, que acabou por caracterizar o planejamento urbano modernista, pode ser considerada, segundo Lefèbvre, como o grande inimigo do urbano por ter destruído a vida cotidiana (MARICATO, 1997). Não foi por um acaso que esta imponente forma de pensar a cidade caracterizou grande parte da idéias nazistas da Alemanha do século XX.

Se as novas tecnologias possibilitavam a expansão das cidades, era preciso também acreditar nos problemas que elas poderiam trazer quando empregadas a fim de afastar um dos outros. Se o outro trazia medo, constrangimento, violência e dúvida, não era essa a saída para a resolução dos problemas, e esse fato nunca foi compreendido. As novas tecnologias estavam trazendo não apenas o racionamento da urbanidade como também produzindo um “homem-tipo”. O homem moderno então, parecia ser aquele incapaz de conviver com a diferença, por se isolar do outro à sua volta, e extremamente “tipo” pois, como Le Cobusier e seus discípulos, que também estavam de acordo com a Carta de Atenas<sup>2</sup>, acreditava-se ser o homem um único

---

<sup>2</sup> A Carta de Atenas é um documento que foi formulado durante a segunda fase do CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), entre 1933/1947, onde ficaram estabelecidos os princípios essenciais da arquitetura e do urbanismo funcionalistas.

modelo, em qualquer lugar do mundo, sob a influência de qualquer cultura ou condição social. Era o homem-tipo vivendo na máquina de morar.

As cidades devem ser encaradas como sucessões umas das outras. As novas tecnologias devem ser encaradas como auxiliares no desenvolvimento das mesmas, não como forma de negar a cidade precedente. É importante enfatizar neste ponto que, mais uma vez, verificamos a negação da cidade antiga, a tentativa de destruí-la concebendo uma nova estética para uma nova sociedade (que na verdade não se conhecia e tão pouco se entendia). Juntamente com isso, descartava-se a vida cultural das metrópoles. “Na busca sempre do novo, fazia tábula rasa do passado” (ARANTES, 2001, p. 27).

O bom planejamento, mais uma vez, era aquele projetado. Le Corbusier acabou por projetar a anticidade com todos os aspectos, porém sob uma nova ótica, mas, ainda como Ebenezer Howard e sua cidade-jardim, ortodoxa, contribuindo para a criação de mais uma verdade influente do planejamento e do desenho urbano. O urbanismo caracterizado pelos arquitetos da segunda fase dos CIAMs<sup>3</sup> continua tendo impacto até hoje através da sua lógica, porém produzindo e criando intencionalmente aquilo que ocorreu, como já dito, involuntariamente: a ordem, a fragmentação e a separação, que são belos apenas no papel ou na tela dos computadores.

O novo, no entanto, sempre era moderno e trazia, por isso, esperança. Mesmo notando uma incrível semelhança entre as idéias até agora expostas, nelas observamos ainda a idéia de vanguarda e de rompimento onde se buscava “ser moderno” e, com isso, “ter progresso”. Vale ressaltar esse aspecto como positivo. A arquitetura e urbanismo modernos (industrial e modernista), este último mais ao nosso interesse, deste o início foram pensados como os principais aliados na solução dos grandes antagonismos da sociedade capitalista, os que seriam capazes de reorganizar tudo por uma reordenação do espaço (ARANTES, 2001). Era a

---

<sup>3</sup> Esta fase dos CIAMs ocorreu entre 1933 e 1947 e foi liderada por Le Corbusier. Outros nomes também aparecem em destaque como seus seguidores do urbanismo funcionalista: Mies van der Rohe, Walter Gropius e até o brasileiro Lúcio Costa são exemplos consideráveis. Neste momento foi intitulada a Carta de Atenas, já mencionada. Em contrapartida, os últimos encontros dos CIAMs criticavam esse funcionalismo, em especial o encontro de 1953 sob a liderança do Team X.

idéia de vanguarda, e esta é, sobretudo, importante para a formulação de novas saídas e soluções. Estas cidades modernas, apesar de segregadoras, individuais, desiguais, “(...) sempre mantiveram sinais de abertura relacionados em especial à circulação e ao consumo, sinais que sustentaram o valor positivo ligado ao espaço público aberto acessível a todos” (CALDERA, 2000, p.303). Mesmo que vindas de maneira equívocas, produzindo características contra seus princípios iniciais, contribuem de alguma forma para a história do urbanismo.

O modernismo, ironicamente ao contrário do ideal de seu discurso, marcou o fortalecimento do capitalismo e a consagração deste como modo de produção dominante, acarretando inúmeras conseqüências negativas para o espaço urbano e principalmente para a urbanidade. É natural notar que, também, uma nova lógica cultural foi estabelecida, sendo esta intensificada nas últimas décadas. Questiona-se ainda em qual caminho percorrer, visto que seguimos à risca e empregamos os projetos até agora concebidos e, mesmo assim, parecemos ir a direção contrária e regidos pelos mesmos domínios. O alcançado até este ponto foi exatamente o contrário do idealizado, esta é a verdade. De acordo com Otilia Arantes (2001) o fim do modernismo parece o final da linha. A resposta estaria basicamente relacionada com a perda paulatina da ordem pública e democrática imposta pelos ideais que foram surgindo ao longo dos séculos anteriores e da falta de interesse do próprio cidadão (querendo englobar aqui todas as esferas) de estabelecer novos princípios utilizar da melhor forma os aparatos que possui e lutar por seus direitos. Como e por quê isso ~~se~~ sucedeu? Passa-se, com esta finalidade, para um outro entendimento de cidade.



### 3. A cidade contemporânea.

Cabe perguntar se não se está substituindo a ideologia do plano por uma outra, a ideologia da diversidade, das identidades locais, em que os conflitos são escamoteados por uma espécie de estetização do heterogêneo, recoberto pela transformação da superfície desencantada (...) das nossas cidades em cenários fascinantes de uma sociabilidade viva que há muito tempo deixou de existir, em virtude justamente desse traço desertificante da modernização.

(ARANTES, 2001, p.122).

Existe realmente uma crise do espaço urbano que agora parece exacerbada frente ao crescente domínio do capital perante a sociedade. A preocupação econômica e estética é sem dúvida o que move o homem contemporâneo e a construção do seu espaço, de forma a evidenciar as diferenças entre os grupos sociais já que vem, notoriamente, proporcionando o enriquecimento ainda maior dos grandes agentes ao mesmo passo que proporciona o empobrecimento em proporções alarmantes do outro lado. A multidão surgida no final do século XVIII cresceu enormemente com o aumento da urbanização e, com ela, o conflito e o medo relacionado a este. O conflito, ainda neste momento, pode ser caracterizado como aquele vigente no período moderno, onde ficou designado como algo prejudicial que precisava ser evitado. Porém, alguns fatos se intensificaram e são justamente tais pontos que evocam a idéia lançada por Otilia Arantes (2001) de fim de linha para o urbanismo e apontadas no final do capítulo anterior.

Assim, podemos afirmar que o postó fortalecimento e domínio do modo de produção capitalista sobre a sociedade contemporânea proporcionaram a grande mudança a partir do momento em que a luta de classes, antes existente nos séculos anterior, e a tentativa de estabelecer espaços agradáveis e "ordenados" para os cidadãos de todas as camadas, caracterizando uma vontade altamente politizada, cede lugar para a banalização acentuada do urbano quanto *polis*, deixando o atual cenário coberto por características despolitizadas. Significa, com isso, dizer que o autoritarismo que antes buscava controlar o trabalhador, seu ambiente e sua moral, cede local a um outro tipo de autoritarismo, aquele onde não há mais preocupação com a vida pública e com o outro, e onde a ordem passa a ter um novo significado. Ordem significa distinção dos espaços entre classes sem preocupação pela equidade social ou

universalização dos direitos, deixando escapar, conseqüentemente, a real democracia concebida pelos gregos. Cada um por si, longe dos problemas e, se possível, da violência que acreditam todos ainda ser culpa da classe baixa, pobre e miserável. A ordem privada ganha seu espaço como forma de evitar muitos problemas da cidade e desfrutar um novo estilo de vida (CALDERA, 2000). Neste mundo competitivo pensar em sociedade parece não fazer mais sentido. O individualismo predomina o coletivo.

Neste momento, segundo Olivier Mongin (2003), estamos entrando num mundo onde os territórios e os lugares não são mais os elementos principais na constituição do ambiente urbano, mas sim os fluxos e as redes, capazes de melhorarem a circulação das mercadorias, meios de comunicação e transportes, garantindo maior produção entre os incluídos neste novo mundo, permitindo maior e mais rápido retorno econômico. Segundo este autor, essa é a era da *après-ville* e nela, de acordo com as características abordadas, podemos dizer que se encontram os não-lugares que Augé (1994) definiu como não relacionais, não identitários, desvinculado da história e apenas voltado para a produção de capital. Como exemplo podemos evocar as atuais auto-estradas e seu caráter altamente relacionado à passagem, em que apenas os *outdoors* mostram edifícios históricos, empreendimentos, eventos e outros espetáculos da cidade contemporânea a fim de vender esses produtos e colocando os indivíduos usuários dessas estradas em contato com imagens e, evidenciando a banalização desses equipamentos ao colocá-los em segundo plano. A cidade, nesta ótica, passa a ser caracterizada como algo que dever ser consumido e não mais vivido.

Logo, contrapondo-se a esses locais de fluxos estão justamente os equipamentos que acima foram considerados banalizados. São pontos de pausa, ou poderíamos chamar de “locais de estar”, que as auto-estradas pretendem unir, porém, jamais estabelecem qualquer tipo de relação. O espaço urbano e sua estruturação passaram, evidentemente, por uma transformação diante os recursos supermoderno.

Exemplificando estes novos “locais de estar”, ainda segregadores e que continuam a dividir o espaço da elite e da classe desfavorecida economicamente, pode-se citar a inversão da lógica centro-periferia provando a inversão do quadro. De acordo com Teresa Caldeira (2000), no Brasil, mais especificamente na cidade de São Paulo, podemos notar a evolução deste processo ao longo do século XX ao identificar três momentos distintos na forma de segregação espacial. A primeira dela, entre o final do século XIX até a década de 1940, onde os grupos sociais se diferenciavam pelo tipo de moradia dentro de um espaço urbano concentrado e pequeno. A outra seria já a forma centro-periferia, vigente entre as décadas de 1940 e 1980, em que as classes sociais se separavam por longa distância, porém as classes mais favorecidas se estabeleciam no centro enquanto as classes menos favorecidas ficavam na periferia - locais sem qualquer infra-estrutura urbana e em condições precárias. Já a partir da década de 1980 é notada uma inversão deste papel centro-periferia mudando radicalmente as cidades e suas regiões metropolitanas. Esta inversão se caracteriza então por essa proximidade entre as classes, onde a elite passou a viver também na periferia, porém em locais dotados de alta infra-estrutura tanto urbana quanto do próprio local onde vivem, caracterizando um novo ideal de viver dentro das cidades. Ideal este, ao ver de muitos pesquisadores, como forma de criar uma cidade perfeita, ou ilhas paradisíacas, longe dos problemas existentes ao lado de fora de suas residências, da violência e da miséria que tanto assustam e impossibilitam viver numa cidade sem conflitos.

Estes novos ambientes para se viver destinados à elite são denominados condomínios fechados. Verdadeiras cidadelas, entendidas aqui sob a ótica de Pechman (2005), como lugar fechado, murado, protegido do outro (inimigo), onde a elite passou inicialmente a residir, deixando o indesejável aos seus olhos, “do lado de fora”. Símbolos de status, estética e segurança, esses condomínios ganharam o mundo a fora (tanto em cidades de países centrais quanto periféricos), acoplando outras inúmeras atividades e serviços, tais como escritórios comerciais, centros de lazer, lojas, transformando-se em verdadeiras propriedades privadas para uso coletivo onde o público e o aberto à cidade se tornaram, definitivamente, desvalorizados.

Conceituados por Caldera (2000) como enclaves fortificados, eles podem ser caracterizados como realidade absoluta dentro das grandes e médias cidades contemporâneas.

A fim de esclarecer o objetivo proposto pelo trabalho, a partir de agora serão mostrados dois exemplos desses tipos de enclaves fortificados, um no Brasil e o outro nos Estados Unidos, *Alphaville* e *Celebration* respectivamente. Eles foram escolhidos por, talvez, serem os exemplos mais agressivos relacionados ao tema dentro da realidade desses países. No entanto, é necessário deixar evidente que existem diferenças relacionadas à forma como tais empreendimentos foram impostos para a venda em seus países e até mesmo na forma como os moradores executam alguns de seus usos. Contudo, esta análise não será priorizada. O que se busca é fazer uma crítica ao espaço urbano da cidade do século XXI e à sua sociedade, tendo como foco inicial estes exemplos, mostrando as razões e o caminho que seguiram de modo a contribuir para a formação de uma vida desvinculada dos princípios democráticos, das responsabilidades públicas e da civilidade que designam ambientes urbanos forjados.

### 3.1. *Alphavilles*: a cidade brasileira a beira da auto-estrada.

Iniciando pelos *Alphavilles* no Brasil, mais especificamente pelo seu primeiro complexo situado na Região Metropolitana de São Paulo e construído na década de 1970, eles caíram aqui, por assim dizer, como pedaços de primeiro mundo dotados de total segurança, monitorados por aparelhos eletrônicos de última geração e seguranças particulares.

Longe dos centros congestionados de São Paulo, ele é compreendido por condomínios horizontais e verticais - todos murados - centros comerciais e espaços para escritórios e *shopping center*, numa área total de 26km quadrados. De acordo com a fonte utilizada para obtenção dos dados (CALDERA, 2000), estimados no início da década de 1990, alguns deles chegam a ser surpreendentes. Naquele momento o complexo já possuía uma área urbanizada de 13 km quadrados e uma população fixa de 20 mil habitantes (superior até mesmo

que muitas cidades do interior do Brasil) e uma população flutuante diária, ou seja, aquela que utiliza os centros comerciais disponíveis, visitantes e empregados, estimada em cerca de 75 mil. Ainda mais, a segurança privada contava com 800 colaboradores e 80 veículos. Tudo junto conseguiu proporcionar para uma das cidades da Região Metropolitana que este *Alphaville* fazia parte, Barueri, 55,4% da receita de seus impostos. Algo, a cima de qualquer outro propósito, lucrativo e favorável para o estado responsável.

Atualmente, complexos como estes são os desejos da maioria da população das classes médias e altas, evidenciando a escolha por um novo conceito de cidade onde eles poderiam viver, consumir, trabalhar, gastar seu tempo de lazer e viver entre semelhantes. Esta escolha muda radicalmente o caráter do espaço público, ignorando a rede urbana pré-consolidada, provando, assim, sua característica de não-lugar que Augé (1994) desenvolveu e retratado anteriormente.

É interessante notar que viver entre semelhantes está longe do ideal de harmonia que se esperam os seus usuários. O complexo, por sua vez, é dotado de regras, praticamente leis internas. Porém, a liberdade que os moradores esperam possuir aí dentro se contrapõe com a necessidade, por exemplo, de respeito ao outro, o vizinho na maioria dos casos. Caldera (2000) cita um exemplo simples sobre as reuniões de condomínio, ficando claro que é exatamente durante suas realizações que aparecem os principais conflitos, transparecendo uma disputa pelas leis internas ao tentar forjá-las pelo interesse particular e privado, o que deixa evidente a característica do atual cidadão como individualista, apolítico e desrespeitoso frente às lógicas democráticas.

Parece que dentro dos *Alphavilles*, e de outros complexos semelhantes, respeitar a lei fica ainda mais difícil, principalmente quando se é abordado pela segurança ao ser surpreendido restringindo alguma delas. O fato é ocasionado por esse segurança ser um contratado, portanto um empregado, que pode ser demitido caso venha “desagradar” o patrão. Acaba assim por ser imposto um reconhecimento de superioridade social e trazendo sérios problemas, em especial

para as gerações futuras. Sim, os jovens são os grandes afetados com tamanha falta de civilidade ao aprenderem que as leis não servem para eles sendo, então, os maiores causadores das tragédias internas, que vão desde furtos, “pegas” e práticas de vandalismo até uso de drogas. Um dos moradores deste enclave chegou a exclamar, também segundo entrevista realizada por Teresa Caldera (2000), que as leis só existem para os mortais e não para os moradores do *Alphavilles*. Como se esperar que os jovens ali residentes cheguem em outro lugar, se não este mesmo, se aprendem com os próprios pais a tratarem as leis com desrespeito e a ver a prática de outros atos antidemocráticos como algo trivial?

Sobre o aspecto físico, que repercute nas formas de sociabilidade deste espaço, merece também atenção a questão das grandes avenidas que fazem a circulação interna desses tipos de enclaves. Elas foram baseadas na idéia da racionalidade modernista, pregando seu uso apenas para veículos, produzindo propositalmente um repudio a rua como local destinado ao pedestre e ao encontro e, desta forma, rejeitando também qualquer outra forma de utilização do espaço público. Em muitos casos as calçadas nem se quer existem, impedindo mesmo que qualquer “surto” esporádico de um usuário que queira vir utilizá-la.

Hoje, no Brasil, este tipo de complexo é tão valorizado que o mesmo se proliferou por toda parte do território nacional, alcançando um total de 31 empreendimentos *Alphavilles*, entre outras propostas ainda não executadas. *Alphaville* Gramado, *Alphaville* Maringá, *Alphaville* Burle Marx, *Alphaville* Natal, e assim segue. A empresa responsável pela criação destes enclaves, denominada *Alphaville Urbanismo S.A.*, ainda divulga seu balanço anual, prêmios adquiridos e julga possuir responsabilidade social. Bem, contudo, apesar das evidências apontarem para outro lado que não responsabilidade social, jamais poderemos dizer ao certo qual a verdadeira intenção desses incorporadores por nossas próprias palavras. De qualquer forma, com essa análise podemos afirmar que todos eles possuem as mesmas características e princípios, evidenciando seu caráter autônomo que, ao ver de Teresa Caldera (2000) e aqui também de acordo, podem pertencer a qualquer lugar, já que suas redes são invisíveis ou, aos

olhos de Augé (1994), não estabelecem qualquer tipo de relação, identidade ou história com nada, apenas com o consumo, capital, estética e poder.

### 3.2. O mundo mágico de *Celebration*.

Saindo do universo nacional, iremos para os Estados Unidos, na Flórida, o paraíso tropical americano e talvez o lugar entre os preferidos dos emergentes brasileiros. O *Celebration*, mais que um mega empreendimento de enclave fortificado, está associado ao mundo mágico de Walt Disney. Viver lá, além de proporcionar todas as vantagens (e desvantagens a cima de qualquer) parece um espetáculo, uma celebração, como a tradução do próprio nome do complexo sugere, afinal não são todos que podem se dar ao luxo e o privilégio de acordar ao lado de *Mickey Mouse* e seus amigos!

Construído por uma empresa subsidiária da *The Walt Disney Company*, a *The Celebratin Company*, juntamente com a colaboração de algumas empresas privadas ligadas a vários ramos (saúde, telecomunicação, educação, etc), o *Celebratin Community Development District* foi inaugurado em quatro de julho de 1996 podendo se passar perfeitamente por uma cidade apesar de ser uma enorme propriedade particular.

O complexo fica no noroeste da Flórida, próximo a alguns parques temáticos *Disney* e, de acordo com Silva (2000), possui 4900 acres e capacidade para 800 residências, incorporando outros serviços como *business center*, *shoppings centers*, *fitness center*, campo de golfe, banco, hotéis, além de escolas públicas, corpo de bombeiros e até prefeitura. Ainda possui sistema de comunicação interna própria (internet, e-mails, canais de TV entre outros) com a finalidade de garantir maior integração e contato entre seus moradores e pessoas que utilizam os serviços oferecidos, fazendo fortalecer o senso de comunidade tão enfatizado nestes tipos de empreendimentos norte americanos. O próprio site oficial diz: “The heart of Celebration is a

commitment to community, education, health, technology, and sense of place<sup>4</sup>”. Mas será que este senso comunitário realmente acontece?

Segundo Blakely e Snyder (1997, In: CALDERA, 2000) o mesmo não acontece. Os moradores destes tipos de complexos os EUA têm pouco interesse em se envolver com a sociabilidade local ou qualquer atividade associada à coletividade, e tanto que a frequência às reuniões das associações de moradores é baixa. Logo, ao fazerem referência à criação de uma comunidade, está sendo utilizada apenas uma tática de venda, puro marketing. Ao tentar formar um ambiente homogêneo ele acaba também, evidenciando o caráter de pessoas que valorizam a esfera privada, o individualismo e que desejam viver longe de interações indesejáveis, heterogeneidade, perigo e imprevisibilidade das ruas.

Dentro do *Celebration* existem regras e leis, a prefeitura evoca para isso, mesmo sendo o prefeito eleito pela própria *The Walt Disney Company*. Mas vale lembrar que, como também no caso *Alphavilles*, são geridas pelos interesses privados, o que proporciona a ambos os enclaves características semelhantes quanto aos indivíduos que ali residem e as consequências que os mesmos causam para o espaço urbano da contemporaneidade.

Contudo, há um ponto neste caso específico que precisa ser referenciado. Falar sobre *Celebration* é falar sobre a busca por um mundo de fantasias, não apenas por ele possibilitar a vida diária dentro do maior parque de ilusões do mundo, como também por evidenciar enfaticamente o retorno ao passado e à vida calma das cidades do século XIX. A fim de proporcionar esta imagem, toda a arquitetura do enclave foi desenvolvida por profissionais de renome internacional, Aldo Rosi é um deles, e lembra o final do século XIX que, conforme uma pesquisa realizada pelo próprio grupo incorporador, foi indicado pelo norte-americano como o que melhor traduzia o espírito do país. As casas e seus modelos, para serem construídas, precisam ser pré-aprovadas a fim de garantir esteticamente a imagem desejada de um vilarejo do

---

<sup>4</sup> A tradução que poderia ser feita para a frase é: a intenção primordial do *Celebration* é um comprometimento com a comunidade, educação, saúde, tecnologia e a estruturação do senso de lugar (lê-se identidade e senso de comunidade).



início do século. Encontramos a seguinte frase na página principal do site oficial que traduz perfeitamente essa idéia: “Capturing a special sense of style and architecture, celebration embodies the idea of the traditional town<sup>5</sup>”. Ou ainda outra que induz ao estilo de vida calmo e sempre perfeito ao lado da família: “morning coffee on your front porch. An afternoon stroll to Market Street. Family evenings in the neighborhood park<sup>6</sup>”. Desta forma, cria-se um simulacro do passado e de uma vida que sob o parecer destas pessoas, durante aquele século eram perfeitos, constituindo, de fato, uma realização pós-moderna. Neste ponto o complexo se assemelha bastante com a idéia de cidade-jardim de Howard, tentando criar um ambiente longe dos problemas e conflitos das cidades de seu tempo e resgatando a vida e o ambiente urbano do passado. Mais uma vez caberia citar Jacobs e sua afirmação sobre as cidades-jardins que é perfeitamente cabível para o caso *Celebration* “(...) cidadezinhas auto-suficientes, cidades realmente muito agradáveis se os moradores fossem dóceis, não tivessem projetos de vida próprios e não incomodassem em levar a vida em meio a pessoas sem projetos de vida próprios” (2001, p.17).

Mesmo que evoque esse retorno ao passado, o *Celebration* não possui nada de retrógrado, ao contrário. Ele foi concebido a partir da idéia que Walt Disney tinha de uma comunidade do futuro. Apesar de esteticamente ser utilizado um recurso de resgatar características do século XIX, a alta tecnologia está fortemente presente dentro do complexo, tanto que Silva (2000) chega a uma conclusão dizendo que *Celebration* é uma cidade informacional e um local da cultura da virtualidade real<sup>7</sup>. Viver lá é, sem dúvida, estar longe dos reais fundamentos urbanos, é não poder utilizar os espaços da forma que deseja, é viver na ilusão e num mundo de fantasias forjadas e distantes da realidade e da sociabilidade que estão atrás dos muros, suprimindo todas essas necessidades por alta tecnologia e serviços particulares.

---

<sup>5</sup> Tradução: procurando estruturar um senso especial de estilo e arquitetura, *Celebration* adere à idéia das cidades tradicionais.

<sup>6</sup> Tradução: café da manhã na sua varanda frontal. Passeios da tarde no *Market Street*. Noites familiares nos parques da vizinhança.

<sup>7</sup> Para chegar a estas conclusões o autor se baseia nas indagações encontradas em: CASTELLS, M. A. *Sociedade em Rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1999, vol.1.

### 3.3. Outros projetos contemporâneos: mercantilização e desvinculação do espaço urbano.

Esses enclaves fortificados não são as únicas formas notadas dentro das atuais cidades de tentar produzir esses espaços fechados e longe dos conflitos e perigos das ruas. Os *shoppings centers*, os novos grandes centros comerciais, os parques temáticos e os novos conjuntos revitalizados, localizados como pontos desvinculados da malha urbana consolidada, acabam por construir uma cidade de simulacros onde todos são iguais, capazes de suprir a necessidade da elite consumista e individualista existente no mundo contemporâneo. Ainda com eles, fica claro de como as grandes empresas estão presentes na realização destes empreendimentos, buscando retorno financeiro em algo que deveria caber ao Estado organizar. Em outros casos, ainda podemos associar estas empresas multilaterais na revitalização de monumentos e conjuntos históricos, utilizando o papel cultural, ou a revitalização de praças degradadas, transformando as mesmas em locais de exposição de sua marca, de forma que faça parecer que estão preocupadas com o cidadão quando na verdade querem ganhar mercado e vender seu nome para o mundo.

Há vários exemplos, como o caso de *Quincy Market* em Boston, uma das primeiras áreas centrais históricas revitalizadas, realizada durante a década de 1970, que acabou transformando o principal edifício do local em uma simples oportunidade para atrair a população e os turistas para os shows diários que ali acontecem ou até uma oportunidade para criação de mais um shopping á céu aberto, visto a quantidade de lojas de franquias e outras tantas de grife que ali se instalaram em busca de mercado consumidor. A cultura sendo utilizada para atrair consumo seria uma boa tradução para o local.

Ainda podemos citar casos mais recentes, como em Nova York onde, de acordo com Sassen e Roost (1999), acabou se mostrando como palco estratégico para a indústria global do entretenimento se levarmos em consideração a proliferação de agências voltadas para esse setor

que iniciaram algum tipo de requalificação urbana na cidade. O caso da *Times Square*, que em 1994 teve seu projeto redefinido com a participação da *The Walt Disney Corporation* (a mesma responsável, de certa forma, pela elaboração do enclave *Celebration*), é bastante significativo. A intenção acabou transformando a área, que até então passava por transtornos segundo o poder público, em uma das mais visitadas por turistas e agora bastante utilizada também pela população, se firmando como talvez a principal área de consumo do mundo.

No caso do Brasil, citaria a criticada tentativa de trazer uma franquía do museu *Guggenheim* para o Rio de Janeiro, mais especificamente na área central onde se localiza o Porto, com a justificativa, também, de revitalizar a área, trazer cultura para a população e colocar o Rio de Janeiro no circuito mundial. Nestes casos ficam evidentes os interesses econômicos frente ao espaço público urbano que acaba por ser transformado em espaço semi-público, pois de uma forma ou de outra, certas camadas sociais são expulsas do ambiente. O cenário urbano perde sua função de promover a integração social e a cidade deixa de ser palco da diversidade para se tornar local de atrações espetaculares.

Ainda hoje há outra questão que impõe como a cultura está sendo utilizada para fins geradores de capital. Além da utilização do termo revitalização urbana que justamente com os *shoppings centers*, enclaves fortificados, etc, expressam a cidade generalizada de Rem Koolhaas, há uma outra corrente antagônica a essa que expressa o congelamento das cidades. Indo a direção um pouco diferente aos princípios estéticos da revitalização anteriormente abordada, ao tentar preservar por completo os centros e as cidades históricas, acaba por criar um outro ambiente, um cenário dentro da esfera cidadina. Essas são então as “cidades-museus”, assim denominadas por autores como Paola B. Jacques (2004) e Jeudy (2005), que como Veneza, parecem não pertencerem ao século XXI e sim aos séculos passados e, mesmo assim proporcionando as mesmas conseqüências da cidade genérica: local para turismo e retorno econômico, evocando a mercantilização espetacular.

A cidade-museu, sempre estagnada e evocando o passado, não é interrompida pela cidade contemporânea, digo pelos novos shoppings e enclaves, que ficam ali ao lado ou longe, porém, como um ponto jogado em qualquer lugar, evidenciando as características da contemporaneidade chamada de supermodernidade (AUGÉ, 1994). Viver passou realmente ser um espetáculo, uma maravilha momentânea ou um pouco mais que isso, porém sem preencher os vazios que toda magnitude pode proporcionar. Esta é a cidade genérica de Rem koolhaas, a *après-ville* de Mongin (2003) ou o não-lugar de Augé (1994), onde a idéia de cidade foi superada e onde poderíamos dizer que se vive, sim, uma nova forma de autocracia imposta pelos novos valores sociais onde apenas alguns conseguem fazer parte e seguir seu absolutismo.

Fica evidente, e é justamente neste ponto que queríamos chegar, a criação de uma cidade onde a urbanidade é forjada, constituindo uma cidade de ilusões e fantasias onde, acima de qualquer coisa, a democracia, logo a política, é inexistente (já que não existe o conflito), fazendo com que a cidade real, oposta termo a termo a *polis* grega, seja banalizada, não apenas neste sentido, mas também como local de cultura, enriquecimento pessoal, trocas e impossibilidades que tornam os dias mais surpreendentes e atraentes.

Essas duas correntes antagônicas apontadas até agora, a cidade congelada e a cidade do urbanismo generalizado, são causadoras da atual crise urbana. Sem dúvida vimos que o processo é histórico e seu agravamento foi se dando ao longo dos séculos até atingir tais proporções.

Ainda sim existe hoje um projeto urbano capaz de superar todos esses conceitos apontados até agora. Um projeto chinês que pretende construir nove cidades temáticas ao redor de Shanghai, sendo que cada uma delas possui população estimada em 100 mil habitantes além de que irão representar um país de grande referência cultural no mundo, recriando para este fim, sua arquitetura tradicional (tanto a clássica quanto a contemporânea). Atualmente, três destas cidades já foram escolhida: Espanha, Alemanha e Inglaterra, sendo que apenas a primeira possui projeto definido. Realizado por um arquiteto espanhol, Gómez Pióz, a nova Espanha, que

receberá o nome de “Cidade da Espanha”, estava com obra prevista para início em fevereiro de 2005, cabendo aqui questionar se ele conseguirá atingir seus objetivos propostos e representar o país pretendido ao longo dos anos após a população chinesa começar a fazer uso da cidade.

O arquiteto ganhou um concurso e projetou os edifícios que são considerados mais expressivos dentro da nova cidade, tanto devido a sua função de representação do poder, quanto por serem símbolo do mundo e cultura ocidental. Eles são a Igreja Católica, o centro político - acoplando o tribunal de justiça e a sede do governo - além da zona comercial. Apesar de ser um projeto que ainda não se sabe as conseqüências que serão alcançadas, já podemos indagar sobre o uso de algum destes objetos arquitetônicos como, por exemplo, o caso da Igreja católica. Sendo uma cidade que visa suprir a grande carência dos chineses, a falta de espaço dentro de suas cidades, por que utilizar o território como forma de representar outra cultura? Segundo um jornal virtual<sup>8</sup>, a intenção do governo é promover a integração entre os povos. Questiona-se, de toda forma, se o procedimento ajudará neste sentido e se esses edifícios serão realmente utilizados pelos chineses justificando o seu uso.

Caso a resposta venha ser negativa, o projeto não teria alcançado seu objetivo, provando possuir grande semelhança a parques temáticos onde são meros objetos estéticos e representativos de um país que não enriquecem e nem significam nada além de beleza para aqueles que o circundam. Ficaria então provado como um local onde as pessoas não se identificariam, podendo ser caracterizado mais um não-lugar (AUGÉ, 1994) projetado na contemporaneidade.

Uma outra característica muito surpreendente é a referência que se faz à natureza e a cidade-vertical. Contando com uma área de jardins com cerca de 200.000 metros quadrados, este projeto alternativo para o crescimento de Shanghai, possuirá zonas verdes intercalando os locais construídos e mostrando respeito com o meio ambiente. Como o grande problema da China está

---

<sup>8</sup>Informação obtida em:

<<http://www.diariodenavarra.es/actualidad/noticia.asp?not=2005012312420180&dia=20050123&seccion=culturaysociedad>>.

vinculado com o aumento do crescimento de sua população, estima-se a necessidade dessa cidade vir a ser verticalizada. Dentro desta proposta, nada mais parecemos se não estarmos diante uma readaptação de alguns conceitos da cidade-jardim e da cidade-jardim-vertical. A valorização do verde, a busca por locais afastados da grande metrópole para a construção de uma cidade adjacente, a intenção de uma verticalização, a imposição de uma cultura...Tudo remete aos projetos utópicos dos dois últimos séculos, além de englobar a grande questão contemporânea, a valorização da cultura como capital, sua universalização e a conseqüente criação dos não-lugares (AUGÉ, 1994).

A curiosidade em relação ao projeto vem justamente por ele englobar todas essas características apontadas por arquitetos, urbanistas, e outros estudiosos do espaço urbano relacionadas a atual crise urbana. Ou seja, de certa forma valoriza a cultura e a história ao tentar resgatá-las e copiá-las, criando um grande museu urbano (mesmo que plagiado). Impõe, mesmo que indiretamente, uma forma de ordem a um grupo de pessoas, pretendendo impedir uma alteração de um padrão previamente determinado, o que interfere nas questões de urbanidade e sociabilidade consideradas tão importantes para a estruturação de uma cidade. No mais, ainda temos outro agravante que seria o *mix* entre as culturas orientais e ocidentais e a vontade dos chineses de pertencerem ao mundo globalizado e a conseqüente difusão urbana que o fato poderá vir a proporcionar. Sem dúvida engloba questões preocupantes para o futuro das cidades e da humanidade, superando em escala e proporção o conceito de “cidades-espetáculos” e desbancado qualquer parque temático *Disney* ou enclave fortificado do mundo, além de evidenciar a atual conjuntura do urbanismo considerado por Ermínia Maricato (1997) na introdução deste trabalho como ausente de planejamento e cujos objetivos são mais voltados para os interesses econômicos do que urbanísticos, ou ainda, cujas características dos projetos são mais estéticas e menos dotadas de urbanidade.

O caso deste projeto é a representação mais completa do conceito que até agora empregamos, mostrando, acima de tudo, o símbolo do poder econômico e como ele influencia

nas decisões referentes ao planejamento urbano. Neste caso específico da China, mais que uma mega cidade, o projeto simboliza o poder que este país asiático vem firmando como potência mundial.

Verifica-se que o modernismo segregador e dotado de zoneamento de Le Corbusier, suas avenidas arteriais ainda persistem hoje nas grandes metrópoles deixando marcas profundas. Realmente a rua está deixando de ser local de passeio e circulação de pedestres. Calçadas, muitas vezes não mais existem, e os parques públicos, dotados de verde, onde todos os cidadãos poderiam circular, cedem local aos espaços semipúblicos (praças cercadas, shoppings, centros comerciais, cidades-museus, etc.). Eles agora são verdadeiras ilhas ao longo das auto-estradas que, além de estarem isoladas da paisagem urbana, também permitem o isolamento urbano. A então cidade-jardim de Howard, e a sua busca pela criação de um ambiente melhor para todos os cidadãos (mesmo que como vimos de certa forma equivocada), cede lugar aos condomínios fechados, os enclaves fortificados, onde realmente pode se viver junto à natureza, porém, longe dos considerados problemas urbanos e junto de infra-estrutura e segurança. Observando essas características arrastadas ao longo dos séculos e adaptada aos desejos do homem contemporâneo, o urbanismo chegou ao fim da linha, pois não há preocupação em estabelecer a cidade para todos. A elite, que antes se preocupava em proporcionar profundas transformações, tanto no espaço urbano quanto na moral dos cidadãos, perde sua hegemonia, acabando por ignorá-los, criando seu próprio ambiente dentro da cidade real. Como já dizia Goethe durante o século XVIII, período em que viveu maior parte de sua vida, aquele que é incapaz de entender o passado está condená-lo a repeti-lo. É interessante, contudo, destacar que está condenado a repeti-lo de forma destorcida.

O capital, sem dúvida, é o grande idealizador, formador e direcionador do espaço urbano. Ele dominou políticos, planejadores e cidadãos elitizados, que constroem seus locais de viver baseados em suas vontades, assim como também dominou os não elitizados que querem a

todo custo entrar na cidade de onde são excluídos. A cidade real, local dos conflitos, da circulação humana, da política e do convívio, se tornou lugar de passagem para a elite, ou melhor, transição para seu mundo ideal onde podem, de longe, observar através de imagens as tragédias, guerra e violência que talvez eles mesmos foram capazes de criar. “A estética relativamente estável do modernismo fordista teria cedido a vez à instabilidade e qualidades fugidias de uma estética pós-moderna que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda etc” (ARANTES, 2001, P.28). A vontade de romper, transgredir e encontrar um equilíbrio, sejam da forma que for dentro da cidade, perdeu sentido diante da crise urbana e humana instaurada no século XX e XXI. Tornamos cidadão não pensante, talvez as verdadeiras máquinas que dizia Le Corbusier que éramos, indo de um lugar para outro, lugares esses tão vazios e sem grandes emoções que apenas criam sensações de maravilhas em um primeiro momento, mas que não preenchem verdadeiramente as questões da alma e marcam a saliência dessa nova era estetizante dotadas de frivolidade e de hedonismo do indivíduo narcisista.

A cidade do Show de Truman<sup>9</sup> não está longe de acontecer. Nós mesmos forjamos nossas vidas inventando a cidade que queremos. Sem dúvida não existe cidade sem imaginação (MOGIN, 2003). “A cidade”, disse Jeudy, “excede a representação que cada pessoa faz dela”(JEUDY, 2005, p.81). “A cidade”, também disse Ficino, “não é feita de pedras, mas de homens” (FICINO, [19--] apud. Argan, 1998, p.228). É certo, porém, que sempre a elite idealizou e tentou produzir o espaço urbano e, agravando o quadro, entramos numa era onde o poder capitalista acaba por valorizar a cada momento as pedras das cidades, perdendo o homem seu significado como principal elemento dentro deste ambiente. A ordem privada, estética e simbólica está sendo perseguida e a “construção de símbolos de status é um processo que elabora diferenças sociais e cria meios de afirmação de distância e desigualdades sociais” (CALDERAS, 2000, p.259). No mais, associando todos esses elementos, mais que afirmação da

---

<sup>9</sup> Filme (1998) dirigido por Peter Weir onde o personagem principal, interpretado por Jim Carrey, vive em um enclave fortificado nos EUA uma vida criada em função de si próprio, ou seja, a própria cidade em que vive e as pessoas com quem se relaciona são falsas. Porém, todo o seu cotidiano é retratado pela televisão, fato desconhecido pela personagem. A questão por ter citado o filme nada mais significa que a vida dentro de um enclave pode estar altamente relacionada com uma falsa realidade.



desigualdade é preciso mais uma vez enfatizar que acabamos por forjar também a cidade, que diante todos esses elementos vem perdendo completamente os conflitos e com isso sua política, democracia, urbanidade e gentileza, passando a poder ser caracterizada como genérica, ou ainda afirmando a não-cidade e produzindo clones.

Sim, essa seria a clonagem urbana. São clones exatamente por serem produzidas a partir da imaginação que o homem faz dela, uma imagem perfeita, porém que ao ser reproduzida, é incapaz de sobreviver ao meio com a tal perfeição em que foi baseada e incapaz de reproduzir dentro de si a essência daquilo que vimos ser a vida urbana. Do não-lugar à não-cidade. Se antes parecia uma indagação, agora, esta é a afirmação que podemos fazer ao deparamos frente à concretização destes projetos.

#### 4. Conclusão.

Se ao aterrissar em Trude eu não tivesse lido o nome da cidade escrito num grande letreiro, pensaria ter chegado ao mesmo aeroporto de onde havia partido. Os subúrbios que me fizeram atravessar não eram diferentes dos da cidade anterior, com as mesmas casas amarelinhas e verdinhas. Seguindo as mesmas flechas, andava-se em volta dos mesmos canteiros das mesmas praças. As ruas no centro exibiam mercadorias embalagens rótulos que não variavam em nada. Era a primeira vez que eu vinha a Trude, mas já conhecia o hotel em que por acaso me hospedei; já tinha ouvido e dito os meus diálogos com os compradores e vendedores de sucata; terminara outros dias iguais àquele olhando através dos mesmos copos os mesmos umbigos ondulantes.

Por que vir a Trude, perguntava-me. E sentia vontade de partir.

- Pode partir quando quiser – disseram-me -, mas você chegará a uma outra Trude, igual ponto por ponto; o mundo é recoberto por uma única Trude que não tem começo nem fim, só muda o nome no aeroporto.

(CALVINO, 2004, p.118).

Começar uma conclusão com este trecho de Calvino, nada mais é que induzir a algum tipo de reflexão. Será que o caminho que percorremos realmente nos levará a formação completa das cidades nesses espaços genéricos, clonados, onde apenas os nomes se diferem (ou nem isso quem sabe) e aonde ir a um lugar significará ir a lugar nenhum?

Sim, talvez observando todos os exemplos citados durante a proposta poderíamos induzir a esta afirmação. Sim, se continuarmos este caminho, que como foi mostrado é ausente de espírito de vanguarda e por isso preocupante.

A elite sempre foi quem passou por querer modernizar a cidade. Com a atual conjuntura, a palavra economia entrou vigorosamente no vocabulário citadino e no seu planejamento, fazendo, por isso, que a elite deixasse de ser o Estado, os pensadores, os planejadores ou outros intelectuais sendo substituída pelos produtores do mercado, os grandes incorporadores, as empresas multilaterais, o poder econômico. Essa, sem dúvida, é uma evidência das linhas do urbanismo, mostrando que o progresso e a formulação de uma nova forma de produção instaurou, sobretudo, sob uma lógica cruel, a lógica do consumo.

É, portanto, indefinidamente necessário pensar agora os lucros e as perdas de todo esse processo. É verídico que o progresso industrial e mais adiante o progresso eletrônico trouxeram inúmeras vantagens, desenvolvimento material, maior conhecimento e curas

fantásticas para doenças arrasadoras. Contudo, nem todos esses ganhos foram aplicados para atingir o bem humano e urbano. Junto com eles veio o capitalismo, e a produção do capital acabou por proporcionar ao homem uma sensação de poder e invencibilidade quando o adquiria que se tornou o grande alvo dos desejos humano. Obter tal recurso significava obter aparatos materiais que possibilitaria viver sem dependência de outros, viver longe da realidade obscura urbana que atormentava e acreditou-se, também, que com ele se poderia comprar outras pessoas. Enfim, ganhou-se facilidade, mas perdeu-se a simplicidade. Comprou-se a segurança, mas perdeu-se a liberdade; ganhou-se maior independência, mas nos tornamos individualistas, narcíseos, indivíduos médios medíocres. Assim, perdemos a maior conquista que a cidade nos proporcionou ao ser conquistada, perdemos a urbanidade, a democracia, ou seja, a essência cidadina.

Evidentemente, essa cultura da globalização prova-se ser separadora. “A solidariedade dos trabalhadores ou as tradições familiares estão sob ataque cerrado de novos ícones, com símbolos tão variados quanto o aparelho *walk-man* (que permite a cada um ouvir sua música, sem partilhar com ninguém) ou o *chat-room* (onde as pessoas conversam sem se verem ou, pior, sem se conhecerem). Há quem diga que as tecnologias de nosso tempo vão trazer mais entendimento entre os homens, mas isto parece mais um arroubo de esperança que um fato verificável” (SIQUEIRA, 2000, p.209). Neste novo urbano estão sendo proliferados inúmeros objetos, coisas e pessoas separados, voltados para aquilo que as interessa sem possibilidade de interação. “A cidade está se dissolvendo, ficando irreconhecível, sem oferecer marcos onde se apoiar” (p.209), e igual a todo instante.

Caminhos que levam em uma direção que se possa resgatar os benefícios existem. É difícil, contudo o percurso. O capitalismo realmente parece irreversível, o importante é tentar fazê-lo menos sujeito deste contexto ao invés de aceitá-lo cegamente como indutor e planejador de nossas vidas e cidades. De qualquer forma seria relevante citar duas passagens para este final. A primeira, também de Calvino (2004, p.150) que diz:

- O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e torna-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.

A outra definitivamente não seria uma passagem, mas sim uma adaptação de uma frase postulada por Goethe durante o século XVIII, porém extremamente cabível dentro das atuais características do século XXI onde se vigora a clonagem urbana e o capitalismo: humanizar é preciso!

Fica claro, então, ser fundamental a atenção para estes pensamentos durante o século XXI. Sem dúvida ambos abrangem fatos que foram sendo perdido com os séculos, como ficou demonstrado ao longo do trabalho. Mais que clonagem urbana o que parece ainda mais preocupante é a evidência da clonagem de pensamento. É sobre ela que precisamos ter atenção e voltar nossos cuidados!

**Referências:**

ARANTES, Otília. **Urbanismo em Fim de Linha**. São Paulo: Edusp, 2001.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.

BRESCIANI, Maria Stella. As sete portas da cidade. **ESPAÇO & DEBATE**, São Paulo: USP/NERU, n. 34, p. 10-15. 1991.

\_\_\_\_\_. A cidade das multidões, a cidade aterrorizada. In: PECHMAN, Robert (Org.). **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994, p. 9-42.

CALDERA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHOAY, Françoise. **A Regra e O Modelo**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

DIAS, Fabiano. **O desafio do espaço público nas cidades do século XXI**. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arcq000/esp312.asp>> acesso em 21 de junho de 2005.

GILLE, Didier. Estratégias Urbanas. In: ALLIEZ, Eric. **Contratempo: Ensaio sobre Algumas Metamorfoses do Capital**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.

HALL, Peter. **Cidades do amanhã**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 1961.

JACQUES, Paola Berenstein. Espetacularização urbana contemporânea. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, Salvador: CAPES/COFECUB, a. II, n. especial. p. 23-29. 2004.

JEDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

MARICATO, Ermínia. Brasil 2000: qual planejamento urbano? **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, v.11, n.1-2, p.113-130, jan./dez., 1997.

MONGIN, Oliver. **De la ville à la non-ville**. In: De la ville et du citadin. Paris: Éditions Parenthèses, 2003.

PESAVENTO, Sandra J. Entre práticas e representações: a cidade do possível e a do desejo. In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; PECHMAN, Robert (org.). **Cidade, povo e nação**. Gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

PECHMAN, Robert. **De frente pr'o crime: cidades que estão virando cidadelas ou do fracasso do poder urbano**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 11, 2005, Salvador.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **A cidade como um jogo de cartas**. Niterói/São Paulo, EDUFF/Projeto Ed., 1988.

SASSEN, Saskia; ROOST, Frank A cidade: local estratégico para a indústria do entretenimento. **ESPAÇO & DEBATE**, São Paulo: USP/NERU, v. 12, n. 41, p. 66-74. 2001.

SCHORSKE, Carl E. A cidade segundo o pensamento europeu – de Voltaire a Spengler. **ESPAÇO & DEBATE**, São Paulo: USP/NERU v. 12, n. 27, p. 47-57. 1989.

SILVA, Paulo César da. **Celebration: uma cidade informacional?** Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-69-75.htm>> acesso em 5 de outubro de 2005.

SIQUEIRA, Eduardo Cezar. **O outro lado da vitrine: uma análise das influências estrangeiras na paisagem urbana carioca (1889-2000)**. 2000. 210 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

Sites:

<<http://www.alphaville.com.br/>> acesso em 5 de outubro de 2005.

<<http://www.viajandoparaorlando.com/parques/disney/celebration/celebration.php>> acesso em 5 de outubro de 2005.

<[http://www.celebrationfl.com/market\\_street/home.html](http://www.celebrationfl.com/market_street/home.html)> acesso em 5 de outubro de 2005.

<[http://www.lavozdelinterior.net/2005/0124/sociedad/nota299911\\_1.htm](http://www.lavozdelinterior.net/2005/0124/sociedad/nota299911_1.htm)> acesso em 11 de outubro de 2005.

<<http://www.diariodenavarra.es/actualidad/noticia.asp?not=2005012312420180&dia=20050123&seccion=culturaysociedad>> acesso em 11 de outubro de 2005.

<<http://www.arcoweb.com.br/emdia.asp?atual=1751>> acesso em 13 de outubro de 2005.





